

## Considerações prévias

“*Como e até onde é possível pensar um outro pensamento?*” - *Uma leitura crítica do projeto filosófico de Michel Foucault*. O subtítulo desta dissertação pode suscitar no leitor ao menos duas questões: primeiramente, se existe uma filosofia de Michel Foucault e, no caso de uma resposta afirmativa, se essa filosofia se deixa circunscrever na noção de projeto.

É sabido que, por numerosas vezes, Foucault recusou a idéia de que seu trabalho fosse circunscrito nos limites da filosofia. Essa desconfiança a respeito da filosofia não é gratuita. Ela participa antes de uma crítica a certa sistematização produzida pela filosofia, cujo corolário é uma racionalidade construída sob a forma tradicional de um sistema. Foucault desconfia da filosofia porque ele desconfia da coerência *a priori* que ela tende a projetar sobre o mundo, excluindo por extensão os acontecimentos que fazem uma história e os enunciados circunstanciais que os acompanham.

No entanto, Michel Foucault é, sem dúvida, um dos filósofos mais lidos e comentados da nossa época. Nos últimos anos, que se seguiram à sua morte, em 1984, suas idéias penetraram fortemente nos debates filosóficos e muitos trabalhos têm sido publicados, nas mais diversas áreas, em torno de sua obra. Tal popularidade pode ser explicada pela diversidade de domínios que o seu trabalho atravessa, entre os quais se destacam: a loucura, a medicina, as ciências humanas, as práticas judiciárias, o direito, a sexualidade, a literatura, as artes; e pela pluralidade de suas atuações: professor, intelectual, autor, militante.

À diversidade de domínios e à pluralidade de atuações, somam-se as diferentes dimensões metodológicas de suas pesquisas, que ora privilegiam o domínio discursivo, *i.e.*, o âmbito das *epistémês* ou dos espaços que demarcam as possibilidades de configuração dos saberes, ora mantêm-se no trânsito entre a dimensão discursiva e a extra-discursiva, e isto quer dizer no âmbito dos chamados *dispositivos estratégicos*, que acrescenta ao campo epistêmico, práticas e instituições sociais. Somando-se a isso as constantes indagações sobre o cruzamento entre a atividade do filósofo e a do historiador presentes em seu trabalho, encontraríamos,

talvez, o motivo para tanta dificuldade nas tentativas de classificar o trabalho do filósofo francês dentro de tal ou qual corrente do pensamento contemporâneo.

Indagações sobre a conjugação ou disjunção entre o caráter histórico e qualidades filosóficas no que diz respeito às investigações empreendidas por Michel Foucault são frequentes. Mas, através de uma leitura mais detida de seus textos, podemos constatar que não são as filosofias, propriamente ditas, que interessam à análise de Foucault, mas, sobretudo, a maneira como se encadeiam os domínios sobre os quais se ocupam os estudos que realiza. Isso possibilita um cruzamento entre a atividade do filósofo e a do historiador, na medida em que, diferentemente da prática filosófica de pensar a história, pensa filosoficamente ao praticar a investigação histórica. Seu pensamento se situa, pois, nos limites entre a maneira tradicional de se fazer história e filosofia.

Mas a leitura do projeto de Foucault ainda nos reserva outras surpresas. Autor paradoxal, ele colocou em questão a função de autor na sua conferência intitulada *Qu'est-ce qu'un auteur?*<sup>1</sup>, mas unificou<sup>2</sup> fortemente e constantemente seus próprios livros. O desafio que nos colocamos com esta dissertação é o de restituir a dinâmica interna à obra – cada livro encadeado aos precedentes – e a externa – cada livro em diálogo com a tradição filosófica na qual ele se inscreve – e, considerando o fato de que Foucault escreveu livros em série, seguiremos a ordem cronológica: “o primeiro livro deixa problemas abertos, sobre os quais o segundo se apóia e solicita um terceiro”<sup>3</sup>.

Empreendemos uma leitura crítica do projeto filosófico de Michel Foucault apoiados nos textos em que ele demarca o espaço que torna possível as suas pesquisas e/ou responde a questões direcionadas à sua investigação histórico-filosófica. Essa opção de abordagem nos possibilitou elucidar a especificidade da descrição arqueológica e sua articulação com a filosofia e com outras dimensões do

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, M. In *Dits et écrits* vol. I, pp. 789-821. Conferência publicada anteriormente no *Bulletin de la Société Française de Philosophie* em 1969.

<sup>2</sup> Nos referimos aos numerosos artigos e entrevistas em que Foucault analisa em retrospectiva seu próprio trabalho no âmbito de um projeto comum. É exemplar nesse sentido a entrevista de 1982 “Interview de Michel Foucault”, in *Dits et écrits*, v. IV, p.656-667.

<sup>3</sup> *Ibid.* v. IV, p. 68. Entrevista concedida à D. Trombadori em 1978.

seu trabalho. Os textos em que Foucault analisa, em retrospectiva, o seu próprio trabalho nos colocou diante de uma constante problematização das relações que o sujeito estabelece com a verdade.

Assim, abordamos o trabalho de Foucault na perspectiva de um projeto filosófico e deixamos em suspenso as interpretações já consolidadas em torno de sua obra. Desse modo, nos afastamos da leitura já cristalizada que classifica o trabalho do Foucault de maneira costumeira como: textos arqueológicos que têm por tema o saber (década de 60), textos genealógicos que tematizam o poder (década de 70) e, por fim, nos últimos anos de sua vida textos preocupados com a questão do sujeito. Pensarmos que essa leitura enfraquece seu projeto, pois impossibilita visualizar as relações que se estabelecem entre o discurso e as demais práticas não discursivas e desse modo, a eleição de uma outra perspectiva de abordagem nos afastou definitivamente do caminho comumente seguido que relaciona a periodização dos escritos com um tema em comum.

Esta opção de abordagem nos trouxe, de saída, dois problemas: A ausência de comentadores que trabalhem nessa perspectiva e a necessidade de trabalharmos com um grande volume de textos, pois a produção de Foucault é tão numerosa quanto diversificada. Precisávamos encontrar os contornos da nossa leitura. Fizemos então o seguinte recorte: nossa leitura se voltou para as dimensões metodológicas que compõe o seu projeto e para os temas que se impõe como uma constante ao longo do seu percurso.

Dividimos o trabalho em duas partes: a primeira, com o título geral de Investigação histórico-filosófica, daria conta do posicionamento de Foucault e da visualização de sua constante elaboração metodológica e de como as diferentes dimensões do seu trabalho se articulam nesse vasto campo de análise. A segunda: Ontologia histórica do presente também marca uma tomada de posição do Foucault diante da tradição crítica na qual ele se insere e explora os temas que atravessam o seu projeto filosófico, a saber, a crítica do sujeito e a problematização da verdade.

O primeiro capítulo: Um resgate da atitude crítica tem a função de situar o trabalho de Foucault nesta tradição filosófica. A conferência que elegemos como ponto de partida, *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung*, de 1978, é um texto

fundamental para nossa abordagem, não somente pelos os inúmeros esclarecimentos que ele traz, mas também pelo fato de que nesta data, segundo a interpretação mais corrente do trabalho de Foucault, ele estaria sofrendo uma espécie de crise no seu pensamento. Afirmativa ancorada no fato de que entre 1976 e 1984 ele não publicou nenhum livro. De acordo com essa interpretação, Foucault estaria mudando de fase, passando ao problema da subjetividade, deixando de lado a analítica do poder e esta conferência vai em uma direção bem diferente desta leitura.

Em A perspectiva arqueo-genealógica<sup>4</sup> acompanhamos o processo de elaboração metodológica, seus principais momentos e amarração. Além de deixar claro que não se trata, de forma alguma, de uma evolução conceitual, mas de um esforço em direção à tarefa de pensar outro pensamento.

Em Qual o campo atual das experiências possíveis? A filosofia como reflexão sobre os limites que podemos transpor, buscamos marcar a opção da análise de Foucault, dentro da tradição crítica. A via de pensamento na qual ele se inscreve, diferentemente daquela que coloca a questão sobre as condições de possibilidade de um conhecimento verdadeiro se volta para o próprio presente através da reflexão permanente do nosso ser histórico, da realização da atitude de modernidade, do *ethos* moderno.

O capítulo intitulado A crítica do sujeito pretende dar conta dos diferentes modos de subjetivação de nossa cultura, que transformam seres humanos em sujeitos. E finalmente A problematização da verdade acompanha os passos de Foucault na tarefa de descrever historicamente processos pelos quais os discursos de verdade transformam, condicionam ou informam os sujeitos e pelos quais subjetividades se constroem; se estabelecem a partir de um dizer-verdadeiro.

Longe de querer estabelecer uma ortodoxia do comentário em torno da obra de Michel Foucault, pretendemos, com esse recuo, reunir elementos para melhor utilizar o grande legado que Foucault nos deixou: suas ferramentas. Assim se justifica o

---

<sup>4</sup> Michel Foucault nunca utilizou o termo *Arqueo-genealogia*. Quando propomos este conceito pretendemos evitar o isolamento desses dois procedimentos utilizados em seus trabalhos; e deixar claro que a *arqueologia* e a *genealogia* são dimensões simultâneas de uma mesma análise. O uso isolado desses dois conceitos poderia levar-nos a crer na existência absoluta de um *saber* ou de um *poder*, que só intervêm, no trabalho do Foucault, como instâncias meramente metodológicas.

esforço deste estudo em articular a leitura de uma temática central às dimensões metodológicas que compõem o seu projeto, pois nos é claro que para bem utilizar as ferramentas é preciso conhecê-las.

Desse modo, apresentaremos nesta dissertação, os principais momentos e os principais conceitos de um projeto filosófico que, sob o nome Michel Foucault, empreendeu um trabalho de modificação do seu próprio pensamento que, ao mesmo tempo, se colocou como tarefa “mostrar as pessoas que elas são mais livres do que imaginam, que elas tem por verdadeiros, por evidentes, certos termos que foram fabricados num momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída. Mudar algo no espírito das pessoas”<sup>5</sup>. Este era, para Foucault, o papel do intelectual.

---

<sup>5</sup> FOUCAULT, M. “Verité, pouvoir et soi”, in *Dits et écrits*, v. IV, p.777.